

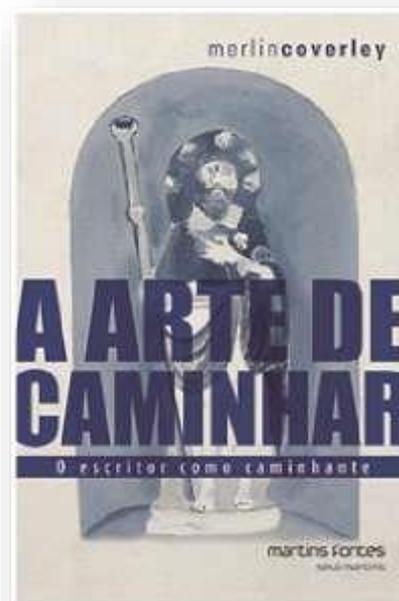
## Para refletirmos 1 ...

Na história do caminhar, muitos escritores e outros profissionais se utilizaram da caminhada para suas reflexões e seus escritos. O texto a seguir é do escritor suíço, de língua alemã, Robert Walser (1878-1956), autor de nove romances e muitos contos.

*“ [...] Eu decididamente preciso caminhar para me revigorar e manter contato com o mundo vivo, sem o que não poderia escrever metade de uma única palavra ou produzir o mais minúsculo poema em verso ou prosa. Sem caminhar, eu morreria, e minha profissão, que amo apaixonadamente, estaria destruída. Além disso, sem caminhar e reunir relatos eu não seria capaz de escrever um único relato ou o mais minúsculo artigo, e muito menos uma história longa, real. Sem caminhar, eu não seria capaz de fazer absolutamente nenhuma observação ou estudo.*

*[...] Numa caminhada encantadora e de boa extensão me ocorrem mil pensamentos úteis. Fechado em casa, eu decairia e secaria desgraçadamente. Caminhar, para mim, é não apenas saudável e agradável, é também útil para o meu trabalho. Uma caminhada me beneficia profissionalmente, e ao mesmo tempo me proporciona diversão e alegria, me renova, consola e deleita, é para mim um prazer, e, simultaneamente, tem a peculiaridade de me fascinar e me instigar para novas criações, uma vez que me oferece como material muitas objetividades pequenas e grandes sobre as quais trabalho depois em casa, diligente e habilmente. Uma caminhada está*

*sempre cheia de fenômenos significativos, que valem a pena ver e sentir. Uma caminhada agradável quase sempre pulula de imagens e poemas vivos, com encantamentos e belezas naturais, por minúsculas que sejam. A sabedoria da natureza e a sabedoria do campo se revelam, fascinantes e harmoniosas, à sensibilidade e aos olhos do caminhante observador, que precisa, evidentemente, caminhar não cabisbaixo, mas com os olhos abertos e limpos, se quiser começar a perceber o encantador significado e a ideia alegre e nobre da caminhada. [...] Sem a caminhada e a contemplação da natureza ligada a ela, sem essa busca igualmente deliciosa e admoestadora, eu me considero perdido, e estou perdido. Com extremo amor e atenção, o homem que caminha deve estudar e observar todos os seres vivos, por menores que sejam. [...] Se não fizer isso, ele caminha apenas meio atento, e isso não*



*vale nada. [...] O espírito, a dedicação e a fidelidade o abençoam e elevam-no bem acima do seu insignificante eu caminhante, que tem frequentemente o nome e a má reputação da vadiagem [...] Misteriosa e secretamente rondam nos calcanhares do caminhante todos os tipos de belos e sutis pensamentos de caminhante. [...] Ele é sempre acompanhado por algo notável, algum alimento para o pensamento, algo fantástico, e seria um tolo se não observasse esse lado espiritual ou até mesmo o afastasse; em vez disso, ele acolhe todos os fenômenos curiosos e singulares, torna-se amigo e irmão deles, porque eles o deleitam; converte-os em corpos formados e substanciais, dá-lhes estrutura e alma, do mesmo modo como eles, por seu lado, o instruem e inspiram. Numa palavra: pensando, ponderando, perfurando, escavando, especulando, escrevendo, investigando, pesquisando e caminhando, eu ganho meu pão diário com tanto suor no rosto quanto qualquer pessoa.”*

COVERLEY, Merlin. *A Arte de Caminhar. o escritor como caminhante* / Tradução de Cristina Cupertino. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014.